

POESIA E CONSCIÊNCIA EM BANDEIRA

ROBERTO DE OLIVEIRA BRANDÃO
(USP)

A trajetória poética de Bandeira caracteriza-se por fundir sentimento lírico e consciência crítica, união que resgata sua poesia ao mesmo tempo das limitações do afetivo individual e do reflexivo generalizante, um pela incapacidade de se afastar do "eu", outra pela distância em que se mantém da experiência naquilo que ela tem de única e intransferível. Pela união dos dois, o particular se faz social e o abstrato encarna na experiência vivificadora.

Se nos primeiros poemas o poeta está imerso na esfera de suas emoções pessoais, fato que confere caráter monolítico aos textos, depois, quando aos poucos ele vai incorporando um tom mais reflexivo, espécie de "dúvida metódica", sua poesia assume uma fratura que não mais abandonará.

O eu centrado na emoção

Os poemas "Felicidade" (A doce tarde morre. E tão mansa), "Oceano (Olho a praia. A treva é densa)", "Epígrafe" (Eu faço versos como quem morre), "Versos Escritos n'Água" (Os poucos versos que aí vão), entre outros, ilustram esta primeira fase da poesia de Bandeira. O poeta está centrado na emoção. Vejamos mais de perto:

*A doce tarde morre. E tão mansa
Ela esmorece,
Tão lentamente no céu de prece,*

*Que assim parece, toda repouso,
Como um suspiro de extinto gozo
De uma profunda, longa esperança
Que, enfim cumprida, morre, descansa...*

*E enquanto a mansa tarde agoniza,
Por entre a névoa fria do mar
Toda minh'alma foge na brisa:
Tenho vontade de me matar!*

*Oh, ter vontade de se matar...
Bem sei é coisa que não se diz.
Que mais a vida me pode dar?
Sou tão feliz!*

Vem, noite mansa... (Felicidade)

Como se nota, o tom emocional dá unidade ao poema. Os elementos da natureza formam um fundo emotivo que envolve o poeta e ambos respiram a mesma atmosfera sentimental e melancólica. Idêntico ritmo modula o ser interior do poeta e o corpo da natureza, um projetando no outro seu próprio ser: natureza assume a humanidade do poeta (morre, mansa, esmorece, repouso, suspira, etc.), enquanto a alma do poeta "foge na brisa", forma de auto-anulação ou entrega total. No final a comunhão: "Vem, noite mansa..."

O poema é significativo porque apresenta uma peculiaridade: na terceira estrofe esboça-se uma ruptura na unidade emotiva:

*Oh, ter vontade de se matar...
Bem sei é coisa que não se diz.
Que mais a vida me pode dar?
Sou tão feliz!*

Ruptura, como se vê, apenas iniciada, sem no entanto se efetivar. O segundo e o terceiro versos representam uma tomada de consciência do eu lírico, consciência da linguagem (Bem sei é coisa que não se diz) e da experiência (Que mais a vida me pode dar?). Se uma denuncia o desejo (... ter vontade de se matar...), recalcando-o, outra, que expressa uma carência, é afinal recoberta por um véu de plenitude (Sou tão feliz!). Mal esboçada, a inquietação volta ao seio da emoção conciliadora.

Vejamos agora o poema "Oceano":

*Olho a praia. A treva é densa.
Ulula o mar que não vejo,
Naquela voz sem consolo,
Que há na voz do meu desejo.*

*E nesse tom sem consolo
Ouço a voz do meu destino:
Mã sina que desconheço,
Vem vindo desde eu menino,
Cresce quanto em anos cresço.*

*— Voz de oceano que não vejo
Da praia do meu desejo...*

Também aqui é a emoção que organiza o poema. Observa-se perfeita simbiose entre o ser humano e a natureza. Ambos se confundem envoltos pela mesma "treva", fonte inesgotável da imaginação e da fantasia. Numa atmosfera mítica, esfumaçadas as diferenças, a "voz do mar" e a "voz do meu destino", a "praia" que "olho" e a "praia do meu desejo" fundem-se na mesma totalidade emotiva.

As rupturas

Na verdade, a representação de um mundo unitário, mítico, alicerçado na emotividade e na harmonia entre o homem e a natureza é apenas um momento precário na poesia de Manuel Bandeira e raramente recobre o espaço inteiro de um poema. Muito mais freqüentes são as cisões, as rupturas, os conflitos que permeiam a vida humana, objetos que devem sua realidade à consciência que os ilumina. Esta é o espelho a que se refere o poeta na primeira parte do poema "Versos de Natal":

*Espelho, amigo verdadeiro,
Tu reletes as minhas rugas,
Os meus cabelos brancos,
Os meus olhos míopes e cansados.
Espelho, amigo verdadeiro,
Mestre do realismo exato e minucioso,
Obrigado, obrigado!*

Como o espelho, a consciência revela a alma do poeta, os sonhos da infância que resistem à ação devastadora do tempo:

*Mas se fosses mágico,
Penetrarias até ao fundo desse homem triste,*

*Descobririas o menino que sustenta esse homem,
O menino que não quer morrer,
Que não morrerá senão comigo,
O menino que todos os anos na véspera do Natal
Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta.*

Notamos que o poeta tem consciência da própria duplicidade. Sabe ele que sob a aparência do seu corpo físico corre outro ser feito de recordação, esperança e ilusão, paradoxalmente mais forte que aquele, embora de sua fragilidade dependa a existência deste.

Entre o presente e o passado

Se é verdade que a poesia de Manuel Bandeira está centrada no "eu", não o é menos, e talvez por isso mesmo, que o grande salto qualitativo está em sair de si mesmo. Trajetos feitos a duras penas, que exigiu longo e paciente aprendizado, mas permitiu também, obliquamente embora, reencontrar-se na objetividade da poesia, como toda arte, lugar de comunhão do artista consigo mesmo, com a natureza e com seus semelhantes. E uma das formas de Bandeira sair de si é mergulhar no passado. Se inicialmente essa atitude pode ter servido apenas de fuga à falta de perspectiva presente, aos poucos é lá no passado que ele vai encontrar ao mesmo tempo o mundo e a si próprio, transformados, é verdade, em imagens que se unem para compor a experiência. O já vivido fecunda o presente:

*O córrego é o mesmo,
Mesma, aquela árvore,
A casa, o jardim.
Meus passos e êsmo
(Os passos e o espírito)
Vão pelo passado,
Ai tão devastado,
Recolhendo triste
Tudo quanto existe
Ainda de mim
— Mim daqueles tempos!*
(Peregrinação)

ou

*A casa era por aqui...
Onde? Procuro-a e não acho.*

*Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho.*

*Ah quanto tempo passou!
(Foram mais de cinquenta anos.)
Tantos que a morte levou!
(E a vida... nos seus desenganos...)*

*A usura fez tábuas raras
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...*

— Mas o menino ainda existe.

(Velha Chácara)

A recuperação do passado não se resume ao trabalho de reconstrução mecânica das coisas vistas e vividas. É mais que isso, é a busca do sentido dos fatos e acontecimentos que se esquivam e resistem a entregar seu inteiro e definitivo significado, mesmo porque este não consiste numa mera capa exterior, mas está no próprio cerne das coisas, e muda com elas. Daí que só a percepção das rupturas pode revelar o sentido. Em um poema como "Profundamente" por exemplo, o poeta joga com a aparente identidade das palavras, que encobrem a profunda diferença entre seres distantes no tempo e no espaço. Comparam-se estes dois fragmentos do poema:

*— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente*

e

*— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente*

A distinção entre ambos não se situa apenas nas formas verbais "estavam/estão", mas todas as expressões têm sentidos diferentes. O primeiro fragmento se refere a fatos reais, constatação da criança que, ao acordar alta noite, se interroga sobre a festa interrompida pelo sono. O despertar abrupto confere sentido mágico ao silêncio que o envolve. Acabada a festa, as pessoas foram dormir, atitude trivial de todo ser huma-

no. O segundo segmento, entretanto, revela o espírito do poeta maduro que, lembrando-se dos parentes queridos, as mesmas pessoas da festa perdida, renova a pergunta, cuja resposta é agora um misto de surpresa, decepção — experimentadas no passado —, mas sobretudo consciência da naturalidade da morte, coisa que só o presente pode lhe dar. O paradoxo é marcado pelas formas verbais, enquanto o pretérito "estavam" revela a vida real, embora apenas recuperada na imaginação e na memória, o presente "estão" assinala o vazio da ausência.

Em outro poema, "Infância", observamos fenômeno semelhante. Os fatos vividos na infância vão sendo recordados no seu estado puro, sem adjetivações, atropelando-se uns aos outros. O sentido só aparece no final do poema, como um momento privilegiado de síntese operado pela consciência do poeta. E o texto vai balizando os espaços e os tempos:

*Corrida de ciclistas.
Só me lembro de um bambual debruçado no rio.
Três anos?
Foi em Petrópolis.*

*Procurro mais longe em minhas reminiscência.
...*

Daí para a frente todos os fatos são metodicamente reunidos como se o poeta passasse a seguir o trajeto da própria infância, trajeto vivido e revivido no seu despojamento de pura realidade e de forma simbólica ao mesmo tempo:

*Ainda em Petrópolis
Depois a casa de São Paulo.
...
Depois... a praia de Santos...
...
Outro bambual...
...
Depois Petrópolis novamente.
...
Véspera de Natal... Os chinelinhos atrás da porta...
E a manhã seguinte, na cama, deslumbrado com os brinquedos trazidos pela fada.
E a chácara da gávea?
E a casa da Rua Don'Ana?
Boy, o primeiro cachorro.
...
A volta a Pernambuco!
...*

*A casa da Rua da União.
O Pátio — núcleo de poesia.
...
A alcova, — núcleo de mistério
...
Descoberta da rua!
...
Depois meu avô... Descoberta da morte!*

E, concluindo o poema, a criança se aproxima do adulto, o passado se junta ao presente trazendo consigo o sentido das coisas:

*Com dez anos vim para o Rio.
Conhecia a vida em suas verdades essenciais.
Estava maduro para o sofrimento
E para a poesia.*

Entre a realidade e a utopia

Se a recuperação do passado fecunda o presente pelo sentido que lhe dá em termos de redescoberta das coisas, sensações e emoções, a projeção dos desejos vai criar mundos utópicos, lugares imaginários da realização dos sonhos vividos pelo poeta. O tempo desses mundos pode ser o futuro, mas não necessariamente, pois o que importa é o sentido do indefinível inscrito na expressão da felicidade passada, lugar e tempo fora de qualquer limitação, pura disponibilidade fecundante do presente, como nos mostra o poeta em "Tempo-Será":

*A Eternidade está longe
(Menos que o estirão
Que existe entre o meu desejo
E a palma da minha mão).*

*Um dia serei feliz?
Sim, mas não há de ser já:
A Eternidade está longe,
Brinca de tempo-será.*

Várias são as formas de expressão do mundo utópico na poesia de Manuel Bandeira, desde a Pasárgada, onde tudo é possível, passando por Avatlântica, a praia em que ficaram uns "olhos verdes sem dó de mim" ou então o reino de Janaína, "sereia, princesa e rainha do mar", até as várias estrelas da sua

Astrologia poética, projeções dos sonhos e dos amores impossíveis e, por isso mesmo, súplica sem nenhuma exigência. Esses e muitos outros lugares utópicos da poesia de Bandeira compõem a sua mitologia pessoal, mas que se interligam nos subterrâneos da experiência humana.

Mas, quando tudo faz crer que a utopia é lugar de isolamento, constatamos que ela não passa de projeções simbólicas das próprias carências atuais do poeta. Na verdade, o aqui e o agora é que estão latentes nas projeções utópicas:

*Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei*

...

*Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz*

(Vou-me Embora pra Pasárgada)

*Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã*

(Estrela da Manhã)

*Entre estas Índias de leste
E as Índias ocidentais
Meus Deus que distância enorme*

...

Oh inacessíveis praias!

(Canção das Duas Índias)

Às vezes é o passado feliz que o poeta vai buscar, ele próprio transformado na fantasia que o encantou durante a infância:

*E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar*

(Vou-me Embora pra Pasárgada)

*O sol é grande. Mas, ô cigarras que zinis,
Não sois as mesmas que eu ouvi menino.
Sois outras, não me interessais...*

Dêem-me as cigarras que eu ouvi menino.

(Elegia de Verão)

Ou, então, é a exorcização de um fantasma que o perseguiu

por toda a vida, ou seja, o medo da morte:

*Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de
partir:*

*Hei de aprender com ele
A partir de uma vez
— Sem medo,
Sem remorsos,
Sem saudade.*

(Lua Nova)

*Quando a Indesejada das gentes chegar
Não sei se dura ou caravel,
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:*

— Alô, iniludível!

*O meu dia foi bom, pode a noite descer.
A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa posta,
Com cada coisa em seu lugar.*

(Consoada)

Neste último poema vemos magnificamente como os problemas vividos na interioridade do poeta se transformam nas imagens plásticas do seu mundo poético, e como estamos distantes daquela poesia lamurienta das fases iniciais de Bandeira. Percebemos também como abaixo da superfície, e contrastando com ela, lateja aquela mesma paixão pela vida. Do conjunto nasce o sentido da poesia de Bandeira, equilíbrio precário entre opostos, ruptura entre o dado e o possível, expressão do conflito entre o vivido e o desejável. Aliás, em duas canções, por sinal autobiográficas, o poeta deixa clara sua concepção da natureza conflitual da existência onde amor à vida e aceitação da morte compõem o tecido da aventura humana:

*...
Sei que é grande maçada
Morrer, mas morrerei
— Quando fores servida —
Sem maiores saudades
Desta madrastra vida,
Que, todavia amei.*

(Canção Para a Minha Morte)

*O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...*

*E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.*

...

(Canção do Vento e da Minha Vida)

Boi morto

Como em terra, água de enxada,
Um rio, a mão, o sangue,
Sua de terra, a presença
Bela, bela, bela, bela,
Ode, ode, ode, ode, ode,
Boi morto, boi morto, boi morto.

Armas da presença, armas,
Carros, os carros, boi morto,
Fica a alma, a alma, a alma,
Fica a alma, a alma, a alma,
Boi morto, boi morto, boi morto,
Boi morto, boi morto, boi morto.

Boi morto, boi morto, boi morto,
Boi morto, boi morto, boi morto,
Boi morto, boi morto, boi morto,
Boi morto, boi morto, boi morto,
Boi morto, boi morto, boi morto,
Boi morto, boi morto, boi morto.

Al. P.

Boi morto, boi morto, boi morto.